
Mina Brejuí: memória e trabalho em Currais Novos-RN

Brejuí Mine: memory and work in Currais Novos-RN

Mina Brejuí: memoria y trabajo en Currais Novos-RN

Alves, Cleia Maria¹³⁹ (Mossoró, RN, Brasil)

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5233-4112>

Souza, Francisco das Chagas Silva¹⁴⁰ (Mossoró, RN, Brasil)

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-9721-9812>

Resumo

O artigo faz parte de uma pesquisa de dissertação realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Campus Mossoró. Objetiva-se estudar a Mina Brejuí, em Currais Novos, considerando-a não apenas como geradora de riquezas e espaço de trabalho, mas também de controle social e educação não formal. A metodologia se constituiu em pesquisa bibliográfica realizada em obras impressas e fontes da imprensa. Conclui-se que a mineração, em Currais Novos, produziu uma identidade local a qual é reforçada pela materialização da memória em monumentos e espaços públicos que homenageiam a família Salustino, proprietária da mina. Logo, a cidade educa por meio da memória dos “tempos gloriosos” que viveu.

Palavras-chave: Memória. Trabalho. Patrimônio histórico.

Abstract

The article is part of a research dissertation at the Graduate Program in Professional and Technological Education (ProfEPT), Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio Grande do Norte (IFRN), Campus Mossoró. The objective is to study the Brejuí Mine, in Currais Novos, considering it as a generator of wealth and space for work and social control. The methodology was based on bibliographical research and collections of magazines. It is concluded that mining, in Currais Novos, has produced a local identity which is reinforced by the materialization of the crystallized memory in monuments and public spaces that pay homage to the Salustino family, owner of the mine. Therefore, the city educates through the memory of the "glorious times" it has lived through.

Keywords: Memory. Work. Historical patrimony.

Resumen

El artículo forma parte de una tesis de investigación en el Programa de Posgrado en Educación Profesional y Tecnológica (ProfEPT), Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Río Grande do Norte (IFRN), Campus Mossoró. El objetivo es estudiar la Mina Brejuí, en Currais Novos, considerándola como generadora de riqueza y espacio para el trabajo y el control social. La metodología se basaba en la investigación bibliográfica y en colecciones de revistas. Se concluye que la minería, en Currais Novos, ha producido una identidad local que se refuerza con la materialización de la memoria cristalizada en monumentos y espacios públicos que rinden homenaje a la familia

¹³⁹Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Norte. cleiamary2009@hotmail.com

¹⁴⁰ Professor titular do IFRN, Campus de Mossoró. É professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino (IFRN/UERN/UFERSA), do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (Mestrado Profissional em Rede Nacional), Polo IFRN/Mossoró e do Programa de Pós-graduação em Educação (IFRN/Natal). chagasifrn@gmail.com

Salustino, propietaria de la mina. Por lo tanto, la ciudad educa a través del recuerdo de los "tiempos gloriosos" que ha vivido.

Palabras clave: Memoria. Trabajo. Patrimonio histórico.

Introdução

O presente artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Campus Mossoró, cujo tema foi a memória do trabalho na Mina Brejuí, localizada em Currais Novos, no Rio Grande do Norte (ALVES, 2019; ALVES; SOUZA, 2019).

A Mina Brejuí teve seu ápice econômico entre as décadas de 1940 e 1980. A exploração da *sheelita*, sobretudo nas primeiras décadas de extração, fez do Rio Grande do Norte o maior produtor desse minério na América Latina. Desativada no final do século XX, essa mina tornou-se um parque temático visitado por turista e por professores com seus estudantes.

Neste artigo, colocamos em destaque a Mina Brejuí, considerando-a não apenas como um espaço em que se dava o trabalho de centenas de garimpeiros, gerando grande volume de riquezas, mas também o seu uso como organizador e sistematizador da memória e, por conseguinte, para a educação em Currais Novos. Portanto, as perguntas que nos guiam neste artigo é: Como essa cidade relembra esse passado que considera "glorioso"? o que restou na cidade como memória do trabalho na mineração? Como essa memória tem sido usada pela cidade como educação não formal?

A busca pelas fontes bibliográficas nos levou a realizar uma pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, revelando-nos que os estudos com foco na Mina Brejuí são voltados, sobretudo, para as Engenharias, Geologia, Recursos Naturais e outras áreas técnicas; porém, quando buscamos estudos com ênfase nas Ciências Humanas, só encontramos a dissertação de Bezerra (2014). Assim, além dessa pesquisa, utilizamos a obra de Lamartine (1980) e outras fontes, como registros da imprensa, o acervo documental do Parque Temático da Mina Brejuí e a memória

monumentalizada na cidade (estátuas, nomes de ruas, bairros e praças) que, para nós, serve de instrumento educativo para as novas gerações.

Monumentalização da memória do garimpo em Currais Novos-RN

Conhecida como a “Princesa do Seridó” e “Capital da Scheelita”, Currais Novos, no Rio Grande do Norte, é considerado o maior município da microrregião do Seridó Oriental Potiguar e o nono mais populoso desse estado. Sua trajetória econômica teve como tripé a pecuária, a cotonicultura e a mineração, mas, na atualidade, essas atividades econômicas, produtoras de riqueza e poder na região, apresentam pouco dinamismo quando comparadas ao passado.

Face ao objetivo deste artigo, centramos nossa discussão sobre a atividade mineradora, a qual teve início na década de 1940, quando foram descobertas as primeiras jazidas do minério *scheelita* nas terras seridoenses. As jazidas do minério foram encontradas, especialmente no município de Currais Novos, nas terras do Desembargador Tomaz Salustino, na fazenda Brejuí

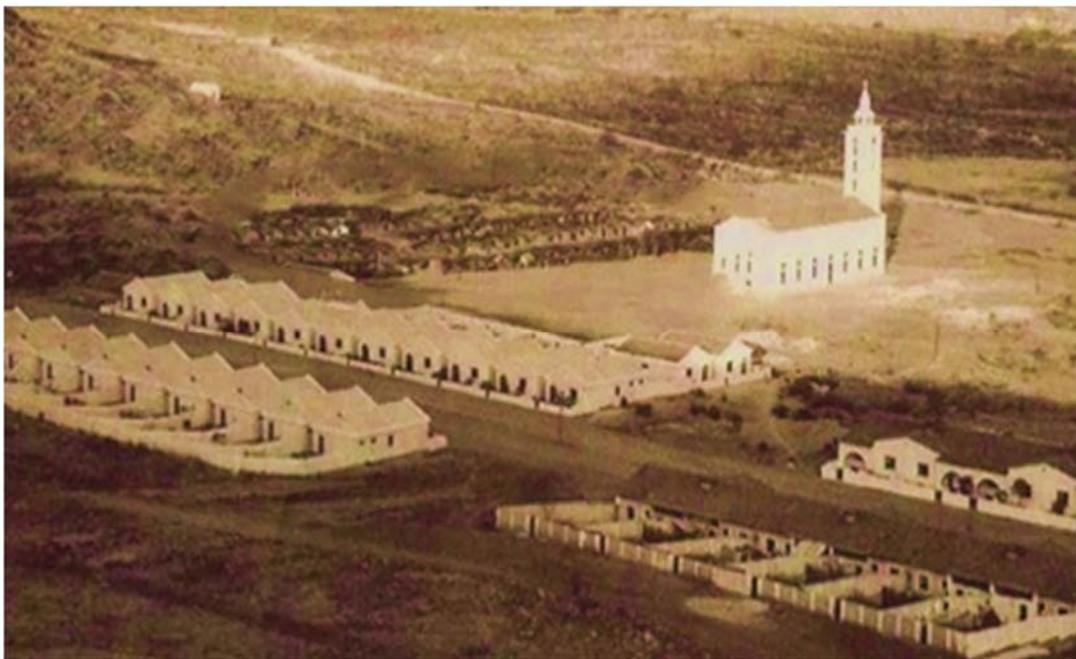
Esse achado não se deu por acaso. No cenário da Segunda Guerra Mundial, os países envolvidos no conflito já haviam demonstrado interesse na exploração das jazidas de minérios no Seridó. Assim, no final dos anos 1930: “[...] os gringos vieram cascavilhar os chãos para mostrar ao sertanejo os seixos de que carecia a indústria bélica” (LAMARTINE, 1980, p. 55). Portanto, a exploração da *scheelita* teve o seu auge durante a Segunda Guerra Mundial, fornecendo minérios à indústria bélica. Os Estados Unidos foram o seu principal mercado consumidor, visto que esse minério era um importante componente empregado na fabricação de armamentos, composição de aço e instrumentos cirúrgicos.

É nesse contexto que a Mineração Brejuí foi fundada por Tomaz Salustino Gomes de Melo, que, além de latifundiário, foi desembargador e exerceu o cargo de deputado estadual e vice-governador do Rio Grande do Norte, no governo de José Augusto Varela (1947-1951). Em 1954, a mina foi constituída como empresa com o nome Mineração Tomaz Salustino S/A. Nessa época, essa atividade tornou-se uma fonte rica e fecunda de expansão econômica na região. O Seridó potiguar se destacou no cenário econômico, tornando esse estado o maior produtor do minério na América Latina.

No início da exploração do minério, a mina Brejuí atraiu um considerável número de trabalhadores, a maioria deles agricultores. Como afirma Lamartine (1980, p. 55): “[...] nascia o garimpeiro, em plena caatinga, e alguns saíram das catagens a céu aberto e se enlocaram de chão adentro no faro das veias de minérios”. De acordo com Bezerra (2014), no período compreendido entre 1943 e 1944, havia cerca de quatro mil garimpeiros trabalhando na mina, muitos deles vindos da Paraíba e com experiência na atividade. Esses garimpeiros foram os primeiros a chegar; em seguida, vieram os agricultores, acompanhados ou não da família.

Com o aumento da produção e a necessidade de mão de obra para a extração do minério, o empresário Tomaz Salustino, construiu a Vila Operária Brejuí (Figura 1), situada na área industrial, disponibilizando vários serviços de infraestrutura aos operários e suas famílias.

Figura 1 – Fotografia da Vila Operária Brejuí



Fonte: Bezerra (2014)

Conforme Bezerra (2014), a vila, inicialmente, era formada por 60 casas de alvenaria, destinadas aos funcionários, especialmente os mais graduados, mais próximas ao trabalho. Aos arredores, ficavam as barracas de taipas, destinadas aos garimpeiros. Foram também construídos: quadra de esporte, ambulatório, campo de

futebol, cooperativa de consumo popular, clube de eventos, praça com serviço de alto-falante, centro de escotismo, o Grupo Escolar Manoel Salustino (cujo objetivo era atender aos filhos dos operários) e uma igreja consagrada a Santa Tereza d'Ávila, homenagem à Tereza Bezerra Salustino, esposa do proprietário da mina. Além da igreja, foi edificada, no espaço do trabalho, a Gruta de Santa Bárbara, com minérios da Mina Brejuí. Também havia um campo de pouso usado pelo proprietário da Vila para receber visitantes de alto escalão do governo estadual e/ou federal.

A construção da Vila Operária Brejuí foi um fato inovador para a região, visto que abrigava todos os trabalhadores no espaço de trabalho, além dos serviços disponibilizados, sem que precisassem sair para serem atendidos em outros locais, garantindo prestígio social ao empresário. Desse modo, além de ser um complexo fabril, a Vila também contribuiu nas relações que se efetivaram no cotidiano operário, particularmente a educação, a religiosidade e o lazer. Eram vistos como benefícios sociais para o operariado, constituindo-se de elementos legitimadores das relações paternalistas, semelhante ao que acontecia nas vilas operárias em grandes centros do país.

Diante disso, as ações assistencialistas que pontuaram as relações sociais de trabalho na Mina Brejuí, contribuíram para que os operários associassem o idealizador, Tomaz Salustino, à figura de um pai. Do mesmo modo, a repercussão nos jornais e outras mídias da época enfatizavam os seus “grandes feitos”, realizados não só no espaço do trabalho operário, mas também no cenário urbano, que caminhava rumo ao desenvolvimento de Currais Novos.

Lopes (1988), ao estudar a indústria têxtil no Pernambuco, um caso particular de fábrica com vila operária, em meados do século XX, afirma que o sistema de moradia e os serviços disponíveis, educação, lazer, religiosidade, consistiam em uma “servidão de burguesia”, constituídas de disfarces de dominação, controle social, voltadas para seus operários, como forma de torná-los imobilizados pela moradia, pois a perda do emprego, significava a perda da habitação.

Desse modo, os métodos coercitivos associavam-se às práticas assistencialistas típicas do paternalismo industrial. Assim, “[...] para que o trabalho assalariado fosse aceito como fonte de felicidade era preciso encobrir suas

contradições, adotando medidas protetoras e beneficentes, em nome de ideias de cooperação e harmonia” (TURAZZI, 1989 *apud* CIAVATTA, 2011, p. 162).

A Mina Brejuí, com a sua Vila Operária, chegou a ter importância reconhecida em nível nacional, fato que levou a revista *O Cruzeiro*, veículo de comunicação do jornalista Assis Chateaubriand, a publicar, em 1954, uma reportagem intitulada “A Mina de Pai Tomás”, na qual explicitava a dimensão do paternalismo de Tomaz Salustino (VIOLA, 1954).

Podemos afirmar que a expansão da atividade mineradora, em Currais Novos, contribuiu para uma série de mudanças no cotidiano da sua população, pautadas no ideário de modernidade e desenvolvimento. O progresso da cidade era atribuído às ações de Tomaz Salustino as quais conferiam um cenário de inovações, modernidade e urbanização.

Na década de 1950, por exemplo, foi construído o Hotel Tungstênio (1954), considerado um dos melhores do Nordeste à época, visando atender àqueles que vinham à cidade com propósitos comerciais e turísticos. Uma agência do Banco do Brasil foi instalada, em 1953, para a efetivação das transações comerciais das atividades mineradoras. Ademais, a cidade foi favorecida com um Posto de Puericultura e um campo de pouso de aviões, atribuindo-lhe um destaque quando comparada às demais no interior do Rio Grande do Norte. Outros benefícios trazidos para a cidade foram o Cine Teatro Desembargador Salustino e a Rádio Brejuí, inaugurada em 1959, sendo a segunda emissora do Seridó. No âmbito educacional, deu-se a implantação do Educandário Jesus Menino (1954) para os filhos da elite currais-novense. Mais de uma década depois foi criado o Colégio Comercial de Currais Novos (1965), destinado aos filhos da classe trabalhadora, cujo objetivo era formar mão de obra para as atividades na Mina Brejuí.

Diante disso, os jornais da época reforçavam o potencial desenvolvimentista proveniente da produção mineradora e a inserção de Currais Novos no cenário da economia regional, nacional e internacional, assim como o empreendedorismo e exaltação à figura do proprietário como “benfeitor” da cidade, haja vista a empresa Mina Brejuí colaborar financeiramente com obras assistenciais da igreja (como o Hospital Padre João Maria, o Abrigo dos velhos e a Escola Nossa

Senhora) assim como ações caritativas feitas por Dona Tereza Salustino, esposa do desembargador e considerada “mãe dos pobres”.

O cenário de desenvolvimento não estava relacionado apenas à atividade mineradora, mas à elite detentora do poder sobre essa atividade. Essa elite criou e manteve uma simbologia desenvolvimentista em torno da família Salustino, mediante homenagens em obras, edificações e instituições. Uma amostra disso foi a criação da Maternidade Ananília Regina (1953) e do Grupo Escolar Manoel Salustino (1959), respectivamente os nomes da mãe e do pai do desembargador; a rua Dona Tetê Salustino, o bairro Manoel Salustino, a construção da Praça Cívica Tomaz Salustino, construída ao lado da Praça Cristo Rei, sendo a primeira considerada a “praça dos ricos”, e a segunda, a “praça dos pobres”.

Uma estátua em bronze do Desembargador Tomaz Salustino foi instalada, em 1971, na Praça Cívica com o seu nome. Em uma placa está escrito: “Ao Desembargador Tomaz Salustino Gomes de Melo, pioneiro da mineração mecanizada no Nordeste, o município de Currais Novos, numa homenagem de reconhecimento ao seu grande filho, pelo muito que realizou na terra sertaneja, a que tanto amou”.

Contudo, a partir dos anos 1980, em face da concorrência externa, sobretudo da China, a mineração, em Currais Novos, sofreu um declínio e paralisou suas atividades no final da década de 1990. Com isso, a cidade assistiu ao êxodo e ao desemprego dos trabalhadores, que sentiram o impacto da perda, restando, apenas, as lembranças de um passado, no qual a cidade vivenciou sua fase de desenvolvimento e prosperidade impulsionada pela mineração.

Desse modo, a memória coletiva foi expressa mediante a materialidade dos elementos físicos, monumentos e espaços da cidade, com o objetivo de preservar a memória e a história de uma família a qual se atribui a promoção do desenvolvimento. Diante disso, entende-se que a memória é um fenômeno construído, que possui um recorte extremamente seletivo, uma vez que escolhe apenas aquilo que lhe é significativo, selecionando o que deve ser lembrado ou esquecido (POLLAK, 1992).

Nesta perspectiva, a memória se estabelece como um campo de luta pelo controle do poder, ao eleger espaços e acontecimentos que notabilizam grupos e indivíduos em detrimento de outros. Com isso, constitui-se em um objeto de “disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que

acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo” (POLLAK, 1992, p. 204). Logo, como observa Le Goff (2013, p. 435), “a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder”. Para isso, criam-se os monumentos, resultados do “esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias” (LE GOFF, 2013, p. 497).

Dessa forma, no cenário urbano em Currais Novos, alguns espaços públicos foram substituídos para dar lugar a outros que referenciavam o período do ciclo mineiro e as elites que detiveram o poder econômico. São exemplos disso a demolição do Mercado Público para a construção da Praça Desembargador Tomaz Salustino e a substituição do nome da Praça 19 de Maio, passando a ser denominada Praça Tetê Salustino.

Diante da legitimação dessa memória, em Currais Novos, são raras as alusões feitas a outras atividades econômicas, como a pecuária (que deu o nome à cidade) e a cotonicultura. Aos poucos, a cidade foi redesenhada a partir de símbolos e imagens que fizessem lembrar a atividade mineradora, como a construção de uma estátua em homenagem ao garimpeiro com uma bateia (Figura 2) e a instalação de vagonetes com a logomarca da Mina Brejuí nas rotatórias das principais ruas da cidade (Figura 3).

Figura 2: Monumento ao garimpeiro



Fonte: Acervo pessoal (2019).

Figura 3: Vagonete instalada nas rotatórias das ruas



Fonte: Acervo pessoal (2019).

Ademais, as ruas de um bairro inteiro, o JK, ganharam nomes de minérios e seus derivados, uma forma de registrar na memória coletiva os tempos áureos da cidade. Da mesma forma, vários estabelecimentos comerciais fazem referência aos tempos da mineração, tais como: a Rádio Ouro Branco, a papelaria “A Mina de Ouro”, o Parque do Ferro, o Condomínio Parque Brejufú; e até mesmo eventos culturais, como o Carnaxelita, considerado uma das micaretas do interior do Rio Grande do Norte.

Diante do exposto, as imagens e os símbolos presentificados nos espaços da cidade, alusivos à atividade mineradora, consistem numa forma de “materialização da memória” (HALBWACHS, 2006), convertendo-se em lembranças de um passado nostálgico em que a cidade foi revigorada em seus aspectos econômico e social. Para esse autor:

Cada objeto reencontrado e o lugar que ele encontra no conjunto nos recordam uma maneira de ser comum a muitas pessoas e, quando analisamos esse conjunto e lançamos nossa atenção a cada uma dessas partes, é como se dissecássemos um pensamento em que se confundem as contribuições de certa quantidade de grupos (HALBWACHS, 2006, p.158).

Nesse contexto, convém ressaltar que a cidade de Currais Novos vivenciou um processo de patrimonialização em dois momentos distintos: o primeiro ocorreu na fase áurea da extração do minério, com a construção de prédios e monumentos que referenciavam a mina, forjados em uma identidade social; o segundo, com o declínio da mineração, quando a cidade se revestiu de símbolos e imagens que fazem lembrar a atividade, a riqueza e o poder de outrora.

Em 2002, a Mina Brejuí passou por um processo de musealização, transformando-se no Parque Temático, com a criação do Memorial da Família Salustino e do Museu Mineral Mário Moacyr Porto, ambos instalados na área industrial onde antes funcionava o escritório da empresa. Com isso, algumas ferramentas de trabalho e elementos que representam a figura do operário, voltam ao cenário, porém como símbolos que expressam a memória dos tempos áureos da mina.

Desse modo, a mina, antes espaço de trabalho, transforma-se em “lugar de memória”, os quais, conforme Pierre Nora (1993), nascem de uma necessidade objetiva dos grupos sociais em expressar um sentimento de continuidade. Dessa forma, esses lugares “[...] nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais” (NORA, 1993, p. 12-13).

Nesse sentido, o processo de musealização da Mina Brejuí surgiu como uma forma de “guardar” e preservar uma memória em torno da família Salustino, visto que, no espaço do museu, não existem registros escritos, nem referência sobre as relações de trabalho e o cotidiano operário no início da exploração do minério. Quebrando esse total silenciamento da memória das classes populares, há apenas uma bateia para lembrar o trabalho dos garimpeiros.

A importância dada à memória da mineração em Currais Novos leva a educação para fora do espaço escolar, pois, como nos ensina Brandão (2007, p. 7): “Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar”.

Endossando o entendimento de educação, elaborado por Brandão (2007), Medeiros Neta (2010) enfatiza o caráter educador da cidade. Para a pesquisadora, há uma intencionalidade educadora na cidade pois esta se apresenta como espaço educador ao organizar, sistematizar e aprofundar o conhecimento informal apreendido cotidianamente de forma “espontânea”. Há, conforme a autora, uma relação sincrônica entre o aprender da cidade – “a cidade como agente de educação, ou seja, o meio como agente informal de educação, pois é na cidade que se reúnem pessoas, ideias, objetos, técnicas” – e o aprender a cidade, o que significa “entender a cidade

como conteúdo educativo, pois o conhecimento informal que gera o meio urbano é, por sua vez, conhecimento sobre este próprio meio. A cidade que ensina a si mesma” (MEDEIROS NETA, 2010, 218-219, grifos da autora).

Considerações finais

Atualmente, a Mina Brejuí constitui-se em um patrimônio histórico e cultural do município de Currais Novos, sendo visitada frequentemente por estudantes e turistas. Em razão disso, representa um locus constitutivo de uma memória coletiva e possui potencial educativo ao expressar algo memorável, contribuindo, dessa forma, para que os educandos possam situar-se como sujeitos históricos em um processo de construção e compreensão de tempos e espaços dos lugares de memória.

Não obstante a transformação da Mina Brejuí em lugar de memória, com a criação dos espaços museológicos, a História e os discursos oficiais intencionaram preservar a memória da elite, voltada para a simbologia desenvolvimentista dos tempos áureos da mineração, trazidos pela família Salustino. Quanto aos trabalhadores, restaram o silêncio e o não protagonismo na história. No máximo, uma estátua para que se sintam prestigiados.

Diante disso, consideramos importante que a educação não se faça presente apenas na monumentalização da memória por meio de estátuas, praças e outros espaços públicos, mas que esteja presente também na sala de aula, a partir dos relatos e vivências dos trabalhadores. Desse modo, a História Local passa a dar visibilidade a temas que são geralmente secundarizados. Logo, o ensino da História Local pode contribuir para a compreensão dos saberes, experiências e vivências das pessoas comuns, possibilitando aos educandos uma reflexão a respeito das identidades, das relações entre indivíduo e sociedade, tendo em vista a compreensão do conhecimento histórico numa perspectiva crítica, reflexiva e emancipatória dos sujeitos.

Referências

ALVES, C. M. **Memórias do trabalho na Mineração Brejuí (Currais Novos-RN): proposta de unidade didática no ensino de História Local no Ensino Médio Integrado.** 2019.150 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e

Tecnológica) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2019.

ALVES, C. M.; SOUZA, F. C. S. **Memórias do trabalho**: proposta de unidade didática para o ensino de História Local no Ensino Médio Integrado. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2019. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/559977> Acesso em: 23 jul. 2020.

BEZERRA, A. M. **A céu Aberto**: Garimpando a memória e a identidade dos mineradores de Brejuí. 2014. 159 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

ClAVATTA, M. A cultura do trabalho e a educação plena negada. **Revista Labor**, Fortaleza, v. 1, n. 5, p. 164-183, jun./jul. 2011.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

LAMARTINE, O. **Sertões do Seridó**. Brasília, DF: Centro Gráfico do Senado Federal, 1980.

LE GOFF, J. **História e memória**. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2013.

LOPES, J. S. L. **A tecelagem dos conflitos de classe na “Cidade das chaminés”**. São Paulo: Marco Zero, 1988.

MEDEIROS NETA, O. M. É possível uma cidade pedagógica? **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 40, p. 212-221, dez. 2010.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n. 3, p. 7-28, dez. 1993.

POLLAK, M. **Memória e Identidade Social**. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

VIOLA, Í. A Mina de Pai Tomás. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 9, p. 80-124, 1954.

Maria Cleia Alves

Mossoró, RN, Brasil.

Possui graduação em Matemática e em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2008 e 2018, respectivamente). Secretária de educação. Professora do ensino fundamental. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Básica.

Email: cleiamary2009@hotmail.com

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9105073295512890>

Francisco das Chagas Souza Silva

Mossoró, RN, Brasil.

Doutorado em Educação (UFRN) e Pós-doutorado em Educação (UFF). É professor titular do IFRN, Campus de Mossoró, e líder do Grupo de Estudos em Ensino e Práticas Educativas (GENPE/IFRN) É professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino (IFRN/UERN/UFERSA), do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (Mestrado Profissional em Rede Nacional), Polo IFRN/Mossoró e do Programa de Pós-graduação em Educação (IFRN/Natal).

Email: chagasifrn@gmail.com

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7340894360051987>

Recebimento: 24/07/2020

Aprovação: 24/09/2020

Q.Code

Editores-Responsáveis

[Prof. Dr. Enéas de Araújo Arrais Neto](#), Universidade Federal do Ceará - UFC, Brasil

[Prof. Dr. Arno Münster](#), Universidade de Amiens - Paris, França